A delimitação proposta por Guiraud logo no início do seu livro, é portanto relativamente arbitrária. O autor circunscreve com efeito a análise aos «sistemas de signos não linguísticos» deixando ainda explìcitamente de fora campos como comunicação animal (zoosemiótica), comunicação das máquinas (cibernética) e comunicação das células vivas (biónica).

Apoiando-se no modelo de comunicação de Jakobson, estuda as funções da linguagem. As formas como estas funções se articulam numa determinada mensagem permitem distinguir dois modos de percepção: compreender e sentir. Assim se torna possível uma primeira abordagem dos códigos.

Depois de definir os «media», o autor acentua a sua necessária articulação com a natureza, estrutura e função do código. E aponta os problemas gerais colocados pelo aparecimento dos meios de comunicação contemporâneos, a partir das formulações de Marshall McLuhan.

Ao considerar o problema da significação, Guiraud é conduzido a tratar brevemente a comunicação (analisando posteriormente os modos de comunicação), a motivação («relação natural entre significante e significado»), a monossemia e a polissemia, a denotação e as conotações e por último a forma e a substância do signo. É precisamente a forma do signo que mais detidamente o ocupa.

Os capítulos seguintes tratam sucessivamente e com algum pormenor, os códigos lógicos, estéticos e sociais. Os dois primeiros decorrem das relações do homem com a natureza e encontram o princípio da sua distinção na oposição de dois modos antitéticos da experiência: experiência lógica e experiência afectiva ou estética. Os códigos sociais, por seu turno, organizam a significação da comunicação social, e podem, eles próprios, compreender signos (sociais) lógicos e estéticos.

Na conclusão, sugestivamente intitulada *Mythologies de notre Temps*, sublinha-se o condicionamento de origem mítica da maior parte das opções aparentemente livres e racionais, a que uma «consciência semiológica» poderá no futuro opôr-se como «principal garant de notre liberté».

Apesar dos limites de dimensão a que a colecção obriga, o livro de Pierre Guiraud não deveria provàvelmente omitir algumas vias importantes de investigação semiológica, que se contêm em obras (como a de Julia Kristeva e de A. J. Greimas), citadas aliás na bibliografia sumária. Isso não retira ao trabalho a utilidade de iniciação didáctica, a que de resto se destina.

João Ferreira de Almeida

LAING, Ronald e ESTERSON, A. — *Sanity, madness and the family* — Tavistock Publications, 1964 e Pelican Books, 1970.

O nome de Ronald Laing é hoje corrente, não só nas revistas de conteúdo científico, mas também em todas aquelas que registam o que de mais flagrante aparece na «moda» do que sai da média das sociedades contemporâneas. Isto significa que Laing é, hoje, um objecto da «mass media», o que talvez justifique a «massagem» a que as suas teorias e a sua prática foram submetidas, de forma a torná-las consumíveis (ou não) pelo «grande público». Ronald Laing é o homem da anti-psiquiatria: rótulo definitivo, que lhe é aposto como se fosse o outro rótulo que os seus textos procuram des-mitificar, a esquizofrenia.

No meio do ruído desta publicidade deformadora, acaba por ser natural o esquecimento (voluntário?) de que a anti-psiquiatria *ainda é uma psiquiatria* e que, portanto, terá de ser objecto de uma análise rigorosa; e talvez também seja natural que as pseudo-análises sobre R. Laing se afastem do polo do seu trabalho (denúncia da forma violenta — terrorista — que assume a psiquiatria estabelecida, nomeadamente no campo da esquizofrenia, quer na determinação da «doença», quer na sua prática de «tratamento») para se situarem na descrição das suas aparentes ex-centricidades (estar para lá do centro que a sociedade define como centro).

E, no entanto, já em 1964 Laing colocava com precisão os pontos fulcrais da sua crítica; neste livro, cujo corpo principal é constituido pela análise de onze casos de diagnóstico de esquizofrenia, procura-se demonstrar que, por um lado, não está claramente definido o que é esquizofrenia (muito pelo contrário, só se sabe o que é que não é) e que, por outro lado, esse complexo situacional a que se chama esquizofrenia só poderá ser

devidamente entendido quando estiver inserido num conjunto de «*nexus*», o *nexus* familiar e o *nexus* social (embora, nesta oportunidade, Laing e Easterson só se preocupem com o *nexus* familiar). Para os autores «será uma suposição, uma teoria, uma hipótese, mas nunca um *facto*, que alguém sofra de algo chamado 'esquizofrenia'». E, ainda, consideram que as descrições que se recolhem neste texto «contêm e implicam um significado histórico tão radical como a passagem de um ponto de vista demonológico para um ponto de vista clínico, ocorrida há trezentos anos».

As questões que aqui se levantam são suficientemente exigentes para que se possam deixar em aberto sem tentar, pelo menos, um esforço de aprofundamento descritivo que consiga passar para além das aparências jornalísticas que se sustentam de uma duvidosa actualidade noticiosa.

A esquizofrenia como um simples título concentracionário que se apõe a quem se desvia da norma-média-moda social? A psiquiatria como violência socialmente organizada? será possível um Auschwitz psiquiátrico? Para além de tudo isto, como estabelecer um discurso não-esquizofrénico da esquizofrenia (questão levantada por Foucault na «Histoire de la Folie» e a que um recente texto de Laing — «The Bird of Paradise» — parece querer responder, mostrando que esse é um projecto vazio de sentido)?

Vale a pena ler Laing e meditar sobre ele... independentemente de ele estar ou não a meditar num convento do Tibet.

J. A. Aguiar

LOWY, Michael — *La théorie de la Révolution chez le jeune Marx* — F. Maspero, Paris, 1970, 224 p.

Pretendendo-se um «estudo marxista do marxismo», o livro começa por indagar quais «as premissas» para tal empreendimento. O autor esclarece «que não se pretende dar nele uma resposta a problemas de epistemologia», o que não nos parece justificar o ecletismo teórico do primeiro capítulo da obra.

Por outro lado, o delineamento de um «itinerário político-filosófico», em que cada obra do jovem Marx é destacada e vista «nas suas relações dialécticas» com as correntes mais radicais da época, mostra-se, nos capítulos seguintes, muito fértil pela quantidade de hipóteses que levanta e interpretações que sugere.

Bem documentado e de erudição segura, o livro de Lowy é uma interessante introdução ao tema que se propõe tratar, na condição de o leitor não se ficar por ela: e isto, se deve ser dito dos capítulos do livro que tratam de Marx, com muito mais força se aplica à última parte da obra, onde os seguidores de Marx são apresentados «à vol d'oiseau».

Sérgio Lopes

MILLER, G. W. — *Sucess, Failure and Wastage in Higher Education* — publicado para o Instituto de Educação da Universidade de Londres por George G. Harrap & C.º Ltd., Londres, 1970, 264 pp.

Este livro do Dr. Gordon W. Miller reflecte bem o que se tem feito na Inglaterra em matéria de investigação sobre assuntos relacionados com o rendimento no ensino superior. Conforme diz o Autor, este campo de pesquisa só tem vindo a ser abordado com a amplitude necessária há pouco tempo naquele país, mas tem despertado um interesse crescente. Na verdade, este trabalho é principalmente um inventário dos resultados de pesquisas efectuadas sobre os temas que o Autor ordenou em função do objecto do trabalho e de acordo com um modelo elaborado em 1966 por A. W. Astin, R. J. Panos e J. A. Creager para o estudo do sistema do ensino superior; a partir desses resultados, o Dr. Miller extrai algumas conclusões. Os temas tratados estão divididos em cinco capítulos intitulados como segue: 1.º A natureza e a extensão das perdas, 2.º Os factores relativos aos estudantes, 3.º A selecção dos estudantes, 4.º Outros factores institucionais e 5.º Estratégia para futuras pesquisas.

O primeiro capítulo constitui uma introdução ao livro, definindo-se conceitos e apresentando-se alguns dados estatísticos fundamentais sobre a situação do problema na Grã-Bretanha e, subsidiàriamente, noutros países — Estados Unidos da América, Austrália e Nova Zelândia. Nos segundo, terceiro e quarto capítulos são abordados os temas directamente relacionados com o assunto em estudo, tratando-se no segundo capítulo de variáveis relativas à personalidade e situação dos estudantes (por exem-